

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIII, nº 96, agosto/setembro 2019

O APETITE DOS MORTOS

(romance)

Ronaldo Costa Fernandes

Quem me ensinou a dar nó na gravata foi meu vizinho. Era um homem magro, de personalidade esquiva, gentil, abria as portas para quem vinha com o carrinho de feira, furioso nas reuniões de condomínio. Costumava aparecer como extra nas novelas da Globo. Trabalhara a vida inteira num banco, aposentou-se, aprendeu a manusear tachas em couro, foi parar na General Osório, aos domingos, numa barraca em que se apresentava de rabo de cavalo, óculos escuros redondinhos e um cavanhaque branco.

Encontrou-me na garagem, cumprimentou-me, voltou e perguntou o que eu fazia de terno, ia a uma recepção formal, diabo, não estava acostumado àquilo.

– Desculpe me intrometer, mas isso que está no seu pescoço não se pode chamar de laço de gravata.

– Quase compro uma gravata borboleta com elástico, a droga do laço pronto.

Afastou-se, conferiu, mostrou-se orgulhoso. Eu via-o sempre na televisão. Meu programa preferido era buscá-lo no fundo das cenas, onde aparecia dançando, olhando um acidente, fazendo feira, torcendo na arquibancada, toda e qualquer cena de multidão, dessas em que se movem pessoas atrás dos personagens e não se sobressai ninguém, lá estava ele, com seu rabo de cavalo, seus oclinhos, sua barbicha branca aparada. Não demorou muito, morreu de um infarto fulminante, em sua casa de Mangaratiba. Tivera uma discussão na reunião de condomínio, era o síndico do edifício, fora acusado injustamente de roubo.

Entrei na capela, vi minha avó num canto, caminhei em direção ao ataúde, meu pai estirado lá, tão íntimo e tão próximo, tão vivo, diria, porque nos últimos tempos estivera mais morto que vivo em cima da cama do hospital. Não conseguia ter o mesmo sentimento de dor que os meus parentes. Meu avó andava meio biruta, comparecer a um velório, mesmo que do filho dele, seria inútil. Ele se perguntaria o que estava fazendo lá, não reconheceria o morto e veria a todos como representando uma perda que não existia, já que desconheciam a quem estavam velando. Dois dias antes vira o letreiro de um filme de Jerry Lewis, e, torpe, no velório, perguntei à minha mãe se ela me deixaria ir ao cinema. A gravata do meu pai era vermelha com bolinhas brancas. Eu ficava olhando para ele, vestido para trabalhar. Pouco convivi com aquele homem severo que agora estava ali deitado. Lembro perfeitamente do nó da gravata, parecia que saía do gogó do meu pai, alteado, vermelho tinto.

Tudo ficara cinza de repente. Tonteei, segurei-me nas paredes, caí no chão. Levaram-me para o

hospital e foi o início dos ansiolíticos. O primeiro era cor de rosa. Não tinha nada no coração. Ou melhor, o coração era apertadinho. E a razão é que minha mulher deixara a recepção do hotel na praia de Copacabana e eu estava desempregado. Com uma cabeça dessas era difícil passar nos testes. Já estivera em São Paulo, na Alcântara Machado no centro do Rio, passara dois meses trabalhando de graça numa agência na Rua Cosme Velho. Lá o sujeito me dissera: você sabe escrever, agora espera, um dia pode ser que abra uma vaga. Ora eu não podia trabalhar meses e meses de graça esperando que uma vaga se abrisse. E sabe-se lá se seria aproveitado.

Agora o diretor de gravata vermelha me dava uma chance: fazer um anúncio de uma página de revista. O produto era uma fotocopadora japonesa compacta que ia competir com a Xerox. Eu deixo o Oliveira contigo, um dos nossos melhores leiautistas, me dissera o diretor. Isso era depois das seis horas da tarde. Eu estava exausto, tinha tomado dois *somaliums*. Não me vinha ideia nenhuma. O sujeito estava de mau humor. Pudara. Não esperava que um aspirante a redator o deixasse preso ali no escritório depois das seis da tarde. Não fora simpático comigo, de vez em quando olhava o relógio. Eu rabiscava absurdos: a sua grande imagem num pequeno quadrado. Não, não, tudo besteira. As outras frases eram piores. O tamanho da sua economia. É, podia ser. Mas a máquina, mesmo sendo menor que a Xerox, era grande. Um desastre.

Cheguei em casa arrasado, a mulher grávida, outra vez a turvação cinza, onze horas da noite e não tinha conseguido fazer uma frase. Desgraça. Tomei mais remédio. O mundo era absolutamente cinza. Eu não poderia lutar contra qualquer coisa que fosse cinza. Aquela era minha última tentativa. Desisti. Até dar de cara com um anúncio. Pedia redator. De mala direta. Eu teria que redigir cartas, folhetos e outros tipos de propaganda para ser vendida pelo correio. Fui aceito na empresa aberta por dois caras que haviam trabalhado no *Reader's Digest*. Discos clássicos, globos terrestres iluminados, livros sobre curiosidades.

Escondi-me na sapataria quase na esquina. Minha mãe saía de casa toda arrumada, oito horas da noite. Ela namorava um oficial da Marinha. Newton era imediato e devia ter seus trinta anos. Minha mãe andava pelos quarenta, coisa assim. Ela tinha vergonha de a verem com um homem mais novo. Eu gostava do Newton, que me levava ao barbeiro e me apresentava como filho dele. O barbeiro estranhava, eu tinha quase dez anos e só podia ser filho de Newton caso ele tivesse sido pai aos vinte

anos. Depois a gente passava alguns domingos na casa da mãe dele, quando Newton não estava embarcado. Eu gostava da casa em São Cristóvão, havia quintal, galinhas e coelhos. Vez ou outra ele me levava para assistir a um jogo no Maracanã. Quando ganhamos a copa do mundo, fomos ver a chegada dos jogadores na Avenida Brasil. Conhecemos Newton ao viajar de volta para o Rio no Almirante Alexandrino. Minha mãe tinha pouco tempo de viúva. Eu a via dançar no navio e tinha ciúme. Cheguei a puxar um canivete para Newton. Ele me desarmou, jogou o canivete no mar. Havia um cheiro insuportável de coco babaçu que me enjoava.

Continuação na página 12

OS RIOS DE RONALDO CAGIANO

Lucília Garcez

Quem faz um poema abre uma janela...(.)
Quem faz um poema salva um afogado.

Mario Quintana

O poema é um objeto de arte feito de uma linguagem especial que chama a atenção do leitor sobre o seu próprio processo de elaboração. Embora muito se tenha questionado sua função social, ele é absolutamente necessário. Resultado de experiência estética com a palavra, de observação, de vivências, de sensibilidade e de memória, ele traz um significativo estranhamento para a percepção do mundo e para a elaboração das emoções essenciais. Barthes já disse que *a poesia é a prática da sutileza num mundo bárbaro. Daí a necessidade de lutar hoje pela poesia: a poesia deveria fazer parte dos 'Direitos do Homem'; ela não é 'decadente', ela é subversiva: subversiva e vital.*

Nesse sentido, Ronaldo Cagiano, poeta e escritor brasileiro que já morou em Brasília e agora está radicado em Portugal, nos oferece *Os rios de mim*, publicado originalmente na Espanha em 2018 e simultaneamente no Brasil pela Editora Urutau. Sua larga e consistente trajetória poética se confirma nos poemas aqui agrupados.

Continuação na página 7

CHINA

Mauro de Albuquerque Madeira

A China é limpa, moderna e rica. É a impressão do turista que desce em Shanghai depois de um voo intercontinental. O passeio noturno no barco que singra o rio Huangpu ostenta a profusão de luzes dos prédios da enorme cidade, que parece deixar Nova York no chinelo... As luzes noturnas de Xi'an dão a mesma impressão, como se os chineses se tivessem tornado novos ricos, ansiosos por exibir sua riqueza, em desperdício de energia elétrica nos prédios, monumentos e avenidas, numa festa de cores e desenhos para animar o espírito de turistas estrangeiros e chineses. As multidões se acotovelam nas cidades e nos monumentos, nas montanhas dos templos budistas, onde estrangeiros fotografam tudo e atrapalham os chineses que lá vão rezar, de mãos postas e colunas e bundas recurvadas no chão, diante de Budas enormes, gordos e sisudos. Estes abundam nos mosteiros, nas cavernas e centenas de buracos escalavrados nas rochas pela devoção de milhares de anos de fiéis. O turista sobe lá nas montanhas. Galgamos um dia 397 degraus de escadarias, mais aclives e declives, num esforço de tudo ver, cercados de Budas e milhares de visitantes.

A escala da China é de um país de um bilhão e quatrocentos milhões de habitantes, que, a partir das reformas iniciadas em 1978, por Deng Xiao Ping e sucessores, cresce freneticamente, sem paralelo no mundo, tornando-se a segunda potência mundial, marchando para ser a primeira dentro de uns vinte anos. Viajando nos trens de alta velocidade, de Shanghai para Luoyang, durante umas cinco horas, contemplamos dos seus janelões os verdes arrozais e outros cultivos, ao longe chaminés arredondadas de energia nuclear, ou hélices elegantes de energia eólica, ou milhares de placas de energia solar a escalar colinas e montes, ou enormes blocos de edifícios residenciais em construção, em quantidades assustadoras, a indicar urbanização intensa. No trem, muito mais confortável do que avião, a cada quinze ou vinte minutos, passava a diligente funcionária com rodo e saco de lixo a limpar tudo. Esse trem dava raiva da sua não existência no Brasil...

Perto de Xi'an visitamos a inescapável multidão de milhares de figuras funerárias de soldados e cavalos de cerâmica, em tamanho natural, do Imperador Qin Shi Huang, lá pelo século III d.C. Todo turista vê aquilo, não vou contar.

Nas largas e compridas avenidas das cidades, vimos muitos automóveis, relativamente poucas bicicletas, e muitas motos, frequentemente silenciosas, elétricas, com algumas moças de máscara na boca e aventais ou roupões a cobrir a frente das lambretas, numa proteção *sui generis*.

O roteiro da Euromundo levava 51 turistas latino-americanos, em dois grupos, com guias chineses falando bom espanhol. Tudo era intenso, corrido e cansativo, madrugávamos todos os dias para sair de ônibus rigorosamente às 7,15 hs e voltar à noite, às 21hs ou 22hs. Oitenta por cento dos viajantes eram idosos de mais de 60 ou 70 anos de idade. E vários malucos ainda estenderam o turismo por mais quinze dias, para a Coreia e Japão... Turista é bicho masoquista. Não vou cansar o leitor contando história de viagem. Basta dizer que ao final de doze dias visitamos a grande muralha da China, perto de Pequim, magnífico passeio, de muita escada e belas vistas. No dia anterior, com muito calor e mormaço, fomos à praça Tiananmen e à cidade proibida, em Pequim, acotovelando imensas multidões de chineses e estrangeiros, sob o retrato de Mao Tse Tung (ou Mao Dze Dong, que também ilustra as cédulas de dinheiro, o yuan) e monumentos grandiosos.

Oficialmente a China não repudiou o socialismo, como a Rússia de Yeltsin e Putin, e parece que, depois das reformas que Deng Xiao Ping disse que deveriam continuar por cem anos, ainda resta, a longuíssimo prazo, o sonho da utopia socialista.

O intenso crescimento da China, há quarenta anos, com as reformas de feição capitalista, é dirigido com competência pelo Partido Comunista Chinês, que continua com esse nome... para pavor de certos ignaros governantes brasileiros, que deveriam ir lá, para espancar preconceitos ideológicos direitistas e aprender alguma coisa. O mundo é vasto e viajar é também uma forma de abrir a mente.

Soneto do Mês

PASSADO PRESENTE

Magalhães de Azedo



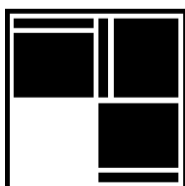
Tu quererás amá-lo, e o vão desejo se esgotará na luta e no cansaço. Sentirás meu afeto em cada abraço, meus lábios sentirás em cada beijo.

Corarás de remorso e íntimo pejo, ante ele, em mim pensando, a cada passo; e o teu suspiro doloroso e lasso terminará num lúgubre bocejo...

Tudo lhe podes dar – não as primícias do amor e do pudor, castas carícias, que uma só vez se dão, e tu me deste.

Será o passado - oh! tão benigno e [humano! – teu severo senhor e acre tirano... nem a esperança de esquecer te reste!

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

29ª DIRETORIA
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Roberto Nogueira Ferreira
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
Secretário-Geral: Sônia Helena
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2º Secretário: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretora de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretor de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronymo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 96 – agosto/setembro 2019

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Diagramação

Bruno Eustáquio

Impressão: Editora Otimismo Ltda

SIBS Qd. 3 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante - Brasília - DF - CEP: 71736-303
(61) 98625-2636 / 3386-0459 - grupoeitoraoitimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

A CAMA, A SALA E O MUNDO (*)

Eduardo Adua

Brincava com o guarda-chuva fechado enquanto atravessava a ponte admirando o vale murado por arranha-céus. Naquele momento, o horizonte transitava entre os rosas e laranjas do fim da tarde de outono. Uma faixa cinza cor poluição delimitava o dia com o início da noite.

Estranhou ser o único a caminhar por lá. Embaixo dele ressoavam buzinas, freios e gritos, ritmados pela mistura melódica dos sons que escapavam do interior dos carros. Estes, trafegavam em uma interminável fila de luzes vermelhas cintilantes que voltavam para o mesmo lugar.

Era estreito o espaço entre o meio-fio e o vão, que dava, primeiro para a queda e, depois, para o asfalto. Uma insalubre mureta metropolitana protegia aqueles que por lá passavam. Pixos e lambes rasgados e quase desaparecidos adornavam aquela parede metamorfofísica.

Ele pensou que um sofá poderia ser posicionado naquela ponte, em direção à calçada e à mureta. Imaginou que seria a sala da casa de um indeciso.

Cada dia, uma cor seria pintada na parede. Cada outro dia, um enfeite novo seria pendurado e um velho dispensado. O conjunto mutável de arranjos contrastaria com a imprevisível imagem que diariamente invadiria as janelas.

Tal sala teria a mesma dinâmica infinita de movimentos sucessivos e em transição do indeciso.

Ele procuraria em todos os cantos e detalhes do mundo novas cores para tingir suas paredes. Misturaria os pigmentos químicos comprados em uma loja qualquer com aqueles que ele mesmo inventaria. Arrancaria punhados de terra, colheria frutas vermelhas e recolheria do solo as folhas que a primavera derrubou. Juntaria tudo na mesma cuia e rasgaria seus fragmentos com as unhas e os amassaria com os dedos.

As linhas das palmas de suas mãos seriam pintadas com a nova tinta, que escorreria entre os pelos dos braços até os cotovelos. E assim, ao fim de cada dia, criaria o que sentiu com o tato e, cuidadosamente, preencheria com a nova cor cada espaço da parede que foi abandonado pelo próprio afeto.

Suavemente, porém com firmeza, acariciaria e sentiria a parede ao despejar novos sentimentos que adquiriu do mundo.

Às vezes a parede iria refletir exatamente a mesma luz que o céu. Muitas outras vezes, a percepção do que o fechava ao redor de si não lhe agradaria. A certeza era de que a espessa parede seria uma mistura de várias camadas do que um dia foi. E apenas ele enxergaria através das tintas que esconderam as tonalidades antigas.

Para o indeciso, a atmosfera que surgiria a cada dia não bastaria com suas paredes repintadas. Era imprescindível que os quadros que lá estavam, e aqueles que ainda chegariam, fossem pendurados entre as planícies das quatro paredes pelas horizontais, verticais, diagonais e transversais.

Cuidaria para que o mosaico estruturado pela vista que surgia da extensa janela nunca

fosse coberto. E, a partir dela, admiraria os delicados moveres do mundo, que subitamente se transformariam a cada piscada de reflexão.

Ao seu redor, rodopiaria um carrossel cúbico com movimentos fundidos entre as memórias e imagens, cores e paisagens presentes. O cenário que percorria, era nada mais, nada menos, do que o museu de suas decisões e o templo de suas reflexões. Lá esteve e estaria para apenas estar.

Porém, ele sabia que as paredes enfeitadas, bem como as imagens daquelas telas, só poderiam ser vistas ao descansar no sofá. O que não é possível – pensou o homem –, pois, na correria entre a cama, o sofá e o mundo, não há razão para a sala de estar.

O mundo dava tudo o que era preciso para sobreviver. A partir do mundo ele construía. Plantava e colhia. Caçava e corria. Gritava e ouvia.

O mundo o subsistia.

Muitos dias ao voltar do mundo, caminharia rígido e pesado, com pensamentos exaustos e a cabeça doída, doída. Os sapatos apertariam os dedos. As solas já não mais aguentariam a força com a qual o solo e a gravidade batiam. Os pés clamariam pela nudez, seguida da elevação aos ventos, pois assim se refrescariam.

Nesses dias sobrevividos, a vontade seria acabar logo com aquilo. A maçaneta rapidamente iria girar e com um suspiro atravessaria a sala. Teria apenas forças para se livrar de todo o pano e suor que o cobria. Ele se jogaria de costas, e uma descarga de alívio percorreria todo o corpo assim que fechasse os olhos e tocasse nos mil e duzentos fios de algodão egípcio.

A cama dava espaço e conforto suficientes para sonhar. Precisava se isolar na escuridão de si, sem as cores das indecisões e as luzes do exterior. Tudo se tornava mais claro ao ser outro bem definido em um futuro com caminhos já desbravados, pavimentados e bem frequentados.

Deitado, não precisava do mundo para sobreviver, muito menos de paredes inovadas, quadros continuamente desprendidos e vistas admiráveis.

O mundo que precisaria dele. Ele seria aplaudido por multidões que em coro gritariam seu nome. Inventaria a máquina do tempo, ganharia o Oscar e, ainda, seria um super-herói. Não existiriam dias chuvosos, nem os tons de marrom. Era bom deitar assim.

Às vezes, entre uma conquista e outra, cairia de um precipício ou prédio qualquer. Despertaria com um grito longo e cavernoso. Um arrepio mortal rasgaria vagorosamente a alma.

Mas tudo bem, para ele era tão fácil. Nesses momentos, o cansaço sempre o anestesiava e o conduzia a um instantâneo torpor, que rapidamente trazia uma nova conquista e apagava qualquer decepção.

De vez em quando, ao acordar ensopado para mais um dia frio no mundo, a frenética atividade cerebral o remeteria para que “talvez o bom mesmo fosse um sofá...” – indeciso.

O indeciso desapareceu enquanto a ponte chegava ao fim. O homem ainda brincava com o guarda-chuva fechado.

Com força segurou a alça de madeira e estendeu o objeto ao horizonte. O braço se alongou com o guarda-chuva para fora da ponte. Apontou para o trânsito, os prédios e as luzes que pairavam a cidade.

Caminhou vagorosamente alguns metros daquela forma. Parou. Recolheu o braço e o guarda-chuva.

Inusitado seria se alguém lá embaixo olhasse para cima e enxergasse o objeto flutuando sob a altura. “Como assim?”, pensariam.

Escondido atrás do próprio ombro, virou o pescoço e espiou o percurso que fizera: continuava vazio, ninguém o viu assim. Porém, o sofá ainda repousava no meio da rua. As almofadas estavam cheias e o estofado passado. Parecia confortável, queria voltar e sentar.

Porém, tinha que seguir. A luz da sala se apagava enquanto o fim da ponte trazia o começo do mundo. Este é grande e demoraria para percorrer até mesmo a menor de suas partes. “E o caminho para casa é sempre o mais tortuoso” – era o que repetia, mesmo sem dizer ou pensar tais palavras.

A única coisa que sabia era que poderia se perder. Na imensidão, não teve opção, além de tomar a própria cama como referência. Todas as suas bússolas para ela apontavam e o campo magnético entre eles tinha a maior das forças.

E assim o homem, todo dia ao despertar, rapidamente atravessaria a sala, para chegar no mundo. Não teria tempo de checar o tempo que a janela da sala informava, nem de reparar as paredes, antes brancas, mofadas. Compenetrado em sobreviver, ia. Vivia pela motivação de atravessar a sala, para voltar a sonhar.

(*) Republicado por haver saído incompleto no nº 95.

A CONSCIÊNCIA

Basilina Pereira

O que há em nós,
que nos torna melhores que as plantas,
que os pássaros, que as pedras?
Pergunta desarrumada
que traz o alarde das primeiras chuvas,
por vezes o bafo insólito que sai dos becos
e mistura o cheiro de comida fria
com o suor enferrujado dos homens sem teto.

Há ainda a sensação estranha
de que somos um pêndulo a flutuar no vazio,
ora tentando nos fixar ao solo,
por outras querendo alcançar as nuvens.
Entre o ontem e o amanhã, a consciência:
mesmo adormecida, ela denuncia.

À GUISA DE INTRODUÇÃO

João Carlos Taveira

Livros de poesia, na verdade, não precisam de apresentações, prefácios etc., embora muitos autores insistam nesse pormenor por acharem que nomes de poetas mais experientes irão dar-lhes passaporte para o estrelato. Ledo engano!

Os poemas que o autor publica são, por si mesmos, os reais apresentadores de seu trabalho e os legítimos condutores do pensamento e da alma de leitores que porventura tiverem acesso a eles. Uns se encantarão com os versos ali constantes, e estes serão sempre maioria. Outros, por algum motivo alheio à nossa compreensão, irão torcer o nariz e achar que fariam coisa melhor. Mas não é bem assim. E ainda haverá aqueles que, em nome da amizade ou do coleguismo, irão comprar o livro e relegá-lo ao silêncio das gavetas, sem ao menos folhear suas páginas. O mundo é sempre o mesmo, em quaisquer atividades humanas. E isso é indiscutível.

Por isso, insisto: as apresentações não servem para nada, além da ilusória convicção de que o nome de um homem pode consagrar o do outro. O que nos consagra é a nossa obra, que nasce das agruras e dos gozos do espírito. E cada leitor saberá disso, à sua maneira, quando tomar conhecimento do conteúdo de um livro ou de qualquer outra criação artística.

Alegria da Vida é o livro de estreia na poesia de Novaci Lula — que não faz feio em nenhum momento, embora ainda lhe falte maior domínio técnico do verso, para expressão de seus sentimentos. Experiente em gêneros como o conto, a crônica e os “causos”, Novaci apresenta bons temas e uma linguagem clara e objetiva em cada poema da presente coleção. Há peças muito bem realizadas e outras menos empolgantes, mas isso, muito em breve, irá se resolver com naturalidade. Raramente se consegue uma obra-prima com o livro de estreia. São poucos os exemplos na história da literatura universal. Aliás, muitos autores conhecidos e amados pelo público renegam ou renegaram suas primeiras publicações. E aqui os exemplos são muitos.

Dessa poesia, tomemos uma pequena amostra:

NÃO PRECISAS MUDAR

Assim como és,
Está bem...
Não precisas mudar.

Tudo se transforma na vida.
Porém, assim como és,
Está bem...
Não precisas mudar.

Ontem eu te vi tão linda!
Assim como és,
Está bem...
Não precisas mudar.

Hoje continuas tão linda!
Assim como és,
Está bem...
Não precisas mudar.

Espero que amanhã
Permaneças tão linda!
Assim como és,
Está bem...
Não precisas mudar.

Novaci Lula, creio, nunca irá se arrepender desse primeiro livro de poemas. Pelo contrário, irá ter muito orgulho dele, por representar um início seguro na carreira de quem pretende prosseguir nas sendas da Poesia. *Alegria da Vida* traz, bem nítida, uma mensagem positiva sobre o relacionamento com a família, os amigos e demais membros da comunidade em que está inserido. Sim, é um livro de poesia, mas também um manual de amor à natureza; é sobretudo um manual do humanismo filosófico de seu autor — esse homem maduro e serelepe, que consegue manter o coração de menino a serviço da vida e da arte.

ESTAR ASSIM...

Jair Gramacho

Estar assim sossegado,
nu, entre as horas e o mesmo,
como nau parada, a esmo,
sem rumo determinado.

Estar assim solitário,
só contente de arrepios,
sentindo o preço nos frios
cálculos de um tempo vário.

Esquecer campos e messe
e das sensações o cardo;
nem ser atento ao pulsar do
coração que desfalece.

Quebrar a ponte do Além,
mas, antes, mandar minh'alma;
deixá-la ir, que vai calma
e não sabe que não vem.

Depois, caber num tamanho
que seja eu mesmo e inda seja
tudo que acompanha e beija
o morto que segue estranho.

FORTUNA

Diego Mendes Sousa

A felicidade é um barco de muitos horizontes.

Chega à claridade de um futuro possível,
que nascerá do inóspito,
– no escuro da vida a ser vivida.

Desobriga-se antes do tempo.

Reserva-se depois do necessário.

O ritmo é de descoberta.
O fundo, de naufrago resgatado.

Felicidade...
Nobre embarcação cheia de rumos!

Ora ordena paisagens
Ora se expande no íntimo,
no amarelecido de uma primavera
[extemporânea..

Felicidade é fortuna anciã.

Como a água que rebenta os sonhos esquecidos.

Como o pássaro que amplia as visões
[reencontradas.

– Liberdade conhecida!

Felicidade é barco de muitos horizontes...

POEMAS DE NOÉLIA RIBEIRO

C₃H₆OS

Chore.
Chore até soluçar. Permita
que a mobília desmorone. Leia
um poema de Paulo Henriques Britto. Ouça
Dolores Duran no Spotify. Corte
uma ou duas cebolas na cozinha.

Elas exsudam abandonos antioxidantes.

Prenda, então, a lágrima com chave
espartana, como fez dias atrás, e
caminhe pelo centro da cidade.

Os miseráveis conseguem cortar cebolas sem
chorar.

NADA EM TI ME SURPREENDE

Nada em ti me surpreende
Conheço teu contorno
teu sotaque
teu afeto

Sei do calor
de tuas mãos
conchas onde guardo
meu segredo

Deitada à sombra
de teu corpo
sou nascituro cego
incompleto

Nada em ti é cedo

A POESIA POPULAR DE JOÃO FERRY

M. Paulo Nunes

O notável escritor galego Dom Gonzalo Torrente Ballestre, desaparecido, aos 88 anos, aquele que para Saramago representa, na literatura espanhola, a mão esquerda de Cervantes perdida na batalha de Lepanto, disse, pouco antes de morrer, uma verdade profunda: “*julgo-me culto, mas não pelo que aprendi na Universidade, sim pelo que escutei, durante os meus anos infantes, naquele cantinho galego. Ali se configurou a minha imagem mundi: uma cultura mágica sempre em colisão com os saberes racionalistas aprendidos depois e para a qual, por que negá-lo, sinto certa inclinação.*” (Jornal de Letras, de Lisboa, 10.02.99, p. 17)

De fato, não há ninguém, por mais culto e instruído, que não esteja profundamente vinculado às suas origens populares, uma vez que a cultura popular ou a chamada literatura oral, conforme a denominou Luís da Câmara Cascudo em um livro de fundamental importância para a nossa literatura – *Literatura Oral*, é aquele “*rio na solidão selvagem*” ou a “*cachoeira no meio do mato*” da definição do próprio Cascudo. Terás que atentar nela os que produzem literatura e o fazem sem renegar as suas raízes. Com efeito, os grandes romancistas e poetas o são por conta desse *húmus* popular ou atávico que ressumbra de suas obras. A esse fenômeno não foi estranho um Cervantes, que celebrizou o espírito popular na sabedoria de Sancho Pança, ou o próprio Camões, ao personificar no velho do Restelo as premonições do homem do povo em relação à ardente aventura ultramarina dos portugueses, ou o genial Mestre Gil e o seu teatro popular. De resto, este espírito se acha modernamente assentado na obra de um Manuel Antônio de Almeida, com a saga de Leonardo, naquele livro fundador – *Memórias*

de um Sargento de Milícias, que todo brasileiro deveria ler, de um Lima Barreto, de um Jorge Amado, de um Graciliano Ramos, de um Gabriel García Márquez, de um Vargas Llosa, de um Julio Cortázar, de um José Saramago, prêmio Nobel de Literatura, o primeiro da língua portuguesa.

Em João Ferry há que destacar este aspecto substancial de sua obra, seja como dramaturgo, seja como poeta ou menestrel, pois que era um cantor de seus próprios versos, declamando-os com emoção, a exemplo dos poetas provençais.

Como poeta popular, deixou-nos os livros *Chapada do Corisco* e *Meu Brasil* e, inédito, o livro de poemas em que celebra a sua terra, Valença, que pretendia homenagear em seu bicentenário, nos quais perpassa um sopro de vibração lírica impregnado do calor da terra e do sentimento dos homens. Do livro *Meu Brasil* é uma das composições poéticas evocativas mais perfeitas que possuímos. “*Barrinha que já se foi*”. Escrita em versos de redondilha maior, uma das formas multiseculares de nossa poética tradicional, lembra ela, em alguns aspectos, a *Evocação do Recife*, de Manuel Bandeira, ao convocar à memória involuntária, à maneira de Marcel Proust, a geografia de ruas e bairros de nossa capital, conforme veremos a seguir, numa pequena amostra dessa singela composição poética.

“*Barrinha, minha Barrinha, / Viraste Palha de Arroz! / A palha não era minha / O rio levou depois... / São Raimundo! São Raimundo! / Frutas, luar, sonho e ferra, / Virou poeira no mundo / Trazendo após a Piçarra. / Já não tem rua do Amparo / Nem da Estrela, nem da Glória, / Tudo mudou sua história. / Ficou tudo ao desamparo. / Até mesmo a Não-se-Pode... /*

Também assim é demais! / A nossa alma não sacode, / Ai, nunca mais! Nunca mais.”

O poeta se identifica também com nossas lendas populares, como se verifica nas composições poéticas de sabor popular hauridas em nosso rico folclore, como a *Não-se-Pode* e o *Cabeça de Cuia*, ou em outras, como o *Cão da Joaquina* em que procura, em tom humorístico, exprimir o extravagante e o prosaísmo da vida, que para ele era festa, alegria e encantamento. O mesmo ocorre em *Um Casamento na Roça*, *Mundica Badeja* e *Um Novo Decreto-Lei*, nos quais procurou fixar cenas e costumes populares.

Finalmente, como dramaturgo deixou-nos a comédia *Quem Tudo Quer Tudo Perde*, constante do seu livrinho de estreia, *Em Busca da Luz*, que constitui a versão piauiense do tema da má fortuna, que se antepõe aos desejos das criaturas ambiciosas, admiravelmente reinterpretado pelo genial Gil Vicente, em sua obra-prima, o *Auto da Mofina Mendes*.

Nossos costumes políticos foram motivo constante da irreverência do poeta, conforme se verifica no soneto “*Lá vem ele*”, em que fixa a figura do caçador de votos, e na peça dramática intitulada *7ª Seção Eleitoral do Buraco Fundo*.

Assim foi entre nós o poeta João Ferry.

No elogio que lhe fiz, ao tomar posse em nossa Academia, disse ter sido ele o nosso menestrel. “*Viveu como ninguém a sua poesia, e viver foi nele uma forma de cantar. Como os menestrelis da Idade Média, colocando o instrumento à altura do peito para desferir o seu canto, Ferry foi o mais puro cantor dos seus versos.*” (A *Geração Perdida*. Artenova, 1979, p. 116)

Deus o guarde assim íntegro e puro, cem anos após seu nascimento.

FIQUE QUIETO NO CAIXÃO, ALEXANDRINO!

Emanuel Medeiros Vieira (*)

Já te pedi. Não te movas. Quietos.
Chega de agitação. É hora do descanso. DESCANSO!
Ouviu?
É para todo mundo. A testa está gelada? É assim mesmo.
Nada mais te importará daqui para frente. Tudo é memória (dos outros), tudo é passado, Alexandrino.
Valeu a pena? Luzes, aporrinhações.
Seja estoico, Alexandrino.
Mas te imploro – determino: **FIQUE QUIETO NO CAIXÃO, ALEXANDRINO!**
Nem as moscas te atrapalham mais.
O mundo é uma porcaria? Às vezes. Há LUZ também.
O que vem depois?

Ninguém sabe, rapaz.
Alguns acham que sabem, têm fé ou simulam ter. MAS NINGUÉM VEIO CONTAR COMO É.
Sombras e pó? E se for?
Descansa em paz, Alexandrino!
Acreditar em outra vida? Para a gente aguentar o tempo, a velhice, a morte, o fim. Repito: nada mais te importa. Não tens mais presente.
No começo, os familiares e alguns amigos se lembram.
E, então, as gerações passam. O resto é obliúvio.
Descansa em paz, Alexandrino!
(Brasília, novembro de 2018)

(*) Emanuel Medeiros Vieira faleceu em 29.7.2019

LEMBRANÇAS GERACIONAIS

Kori Bolivia

Tornam a se encontrar,
a se intrometer na vida,
na paleta colorida
do tempo.

Vidas que se foram em sorrisos abertos,
em sonhos grandes e cortados,
em lutas fratricidas e inúteis,
trágicas e anunciadas
na madrugada fria.

Vidas outras que seguiram,
voaram pelo mundo
e triunfaram com novas luzes,
novos sonhos
sabores doces
e provaram espumas
de fantasias.

A PSIQÜÊ DE JESUS

Paulo Madeira

Prezado leitor, olhe só que observações instigantes no livro ZELOTA (de Reza Aslan).

Jesus e seus compatriotas judeus viviam na Palestina ocupada pelo brutal Império Romano, submetidos, despojados, suportando humilhações. Horrível, lastimável. Conclusão: era preciso BRIGAR. O líder Jesus, entretanto, não cuidou de fazer-se de general e organizar forças militares, certamente, por realismo. E, todavia, sem realismo, apelou para uma saída milagrosa. Qual? Aparentemente, ele INTROJETOU em sua psiquê, meteu na cabeça, a CRENÇA de que as profecias judaicas eram inspiradas pelo “Deus de Israel”, e, em razão disso, obrigatoriamente, para eles, **CONFIÁVEIS**. E elas PREVIAM, mais que isso, PROMETIAM a vinda de um Messias poderoso para libertar o “povo de Deus”.

E Jesus, como bom (e religioso) judeu, ACREDITOU, mesmo nas profecias mirabolantes, especialmente nas que falavam do “Senhor dos Exércitos”. Sendo ele, por excelência, “homem de fé”, CONFIOU, mesmo contra todas as probabilidades, que a expulsão dos Romanos **poderia ser conseguida**. Como? Se alguém se dispusesse à tarefa de incorporar logo o Messias anunciado...

O passo seguinte teria sido Jesus vislumbrar, idealizar que esse alguém bem que poderia ser ele. E mais: que, uma vez investido dessa atribuição, ele, por causa da decisiva ajuda do “Senhor dos Exércitos”, Javé (Iahweh), venceria fácil os opressores.

Se Jesus fosse ATEU, CÉTICO ou, pelo menos, DESCONFIADO, ele não teria entrado naquela previsível *fria*... Mas Jesus preferiu *embarcar* nas promessas das profecias. E, daí em diante, o que ele *aprontou*? Ah, ele protagonizou a encenação teatral da profecia de Isaías que falava de uma entrada triunfal do Messias, em Jerusalém, “montado em um jumentinho” (sic), acompanhado pela turba eufórica.

Vamos agora escarafunchar, vasculhar sua personalidade HUMANA, à luz da Psicologia. Por certo que, enquanto HUMANO, ele também estaria sujeito a perder o juízo... e a desenvolver mecanismos psicológicos freudianos, como a referida INTROJEÇÃO, FANTASIAS, AUTO-SUGESTÃO, DELÍRIO etc. Com essa ressalva (“só enquanto humano”), e com todo o respeito, vamos sondar a PSIQÜÊ dele, do HOMEM Jesus. Vamos tentar entender **algumas de suas atitudes**. Especialmente aquela entrada em Jerusalém, visivelmente temerária.

Conforme o livro ZELOTA, tudo indica que foi ele mesmo, Jesus, pessoalmente, quem planejou encenar aquela profecia que falava da chegada de um “rei dos judeus”, que viria “PARA LIBERTAR ISRAEL”. Com essa manobra, parece que ele quis insinuar-se como o Messias profetizado. Mas, realisticamente, ISTO NÃO PODERIA DAR CERTO...

Não dispondo, Jesus e sua turma, de forças para brigar, essas atitudes só poderiam combinar com as ingênuas crenças nas FANTASIAS das profecias. Portanto, o que ele fez não foi um erro de cálculo militar (que ele não buscava), mas foi, sim, um clamoroso **ERRO DE CRENÇA!**

Supondo isto, a Psicologia, olhando Jesus como apenas um HUMANO, diria que ele, nessa condição de humano, poderia, sim, fantasiar. E, pior, poderia

até DELIRAR e compenetrar-se de que cabia a ele a incumbência (ainda que PERIGOSA!) de fazer-se de Messias. Tudo sugere que isso passou a ser para ele, àquela altura, uma MISSÃO. E, sendo isso, ele jogou-se de peito aberto, CONFIANDO na ajuda (milagrosa!) do “Senhor dos Exércitos”. Aqui parece estar o cerne de sua crédula estratégia, fundamentada, porém, apenas em uma fluida suposição, em uma crença...

Por isso, naquele caso, como não poderia deixar de ser, o coitado do Jesus **SE DEU MAL**... Como sofreu... Mas consta que ELE MANTEVE-SE CONFIANDO E... ESPERANDO. Nem medo, nem apreensão. E era assim mesmo que tinha que ser. Afinal, munido com a inabalável confiança de que as profecias eram PARA VALER, aquela calma de Jesus **estava rigorosamente COERENTE** (e explicável) posto que havia, introjetada em sua psiquê, a “certeza” do bom (e glorioso) desfecho que viria. Deve ter sido por isso que ele aguentou firme, suportando estoicamente tantas **dores físicas** em seu calvário.

Mas, **nem tanto**, as dores psicológicas, os sofrimentos da tormentosa **espera** pela ajuda celestial, que **não chegava**... Parece, então, que, aí, Jesus começou a desconfiar que algo devia estar errado. Ante o não comparecimento de Javé, enfim, DEU NO QUE DEU... O resto da história, todos sabemos. Mas, nem sempre atentamos para uma desconcertante surpresa. Qual? É que ante a iminência do derradeiro instante da vida de Jesus, o instante fatal do ÚLTIMO SUSPIRO, que se aproximava, **Jesus parece que, finalmente, “caiu na real”** e atônito e decepcionado, bradou: “MEU DEUS, MEU DEUS, POR QUE ME ABANDONASTES?” Lembrem-se, amigos, esta BRONCA está na Bíblia, é histórica. E, tendo sido ela tão grave como FOI, **ela deixa uma EXTRAVAGANTE PERGUNTA, que se impõe**. É isso, mesmo? Parece que sim! Afinal de contas, olhando apenas para o Jesus HUMANO (como combinamos), o que fica evidente é **o fato**, INDISSIMULÁVEL (diga-se de passagem!) de que aquela bronca só poderia vir do Jesus HUMANO, aquele que padecia na cruz, **impotente**. Jamais de um eventual “Jesus divino”. Isto só combina com sua não-divindade, e deixa a descoberto, deixa visível, põe a nu as fragilidades das crenças em sua eventual **divindade**.

Em vez disso, sua **“humanidade”**, a daquele condenado que agonizava na cruz, FICOU PATENTE. Sua crucificação teve um DESFECHO bem diferente daquele que, pelo jeito, principalmente ele mesmo, ESPERAVA (porque ACREDITAVA). Haja vista aquela “bronca”...

Se pensarmos com isenção, só **sobre os fatos**, o que nos ocorre concluir é que, se Jesus fosse, mesmo, milagroso, Messias, divino, não teria acontecido a situação que o levou a proferir aquele homérico protesto. Mas ele o fez. E, vindo de quem veio, SOA horrivelmente COMPROMETEDOR para todas as vertentes do cristianismo, assim como para tudo aquilo em que parece que acreditava o próprio Jesus.

E agora? Ah, incrivelmente, São Paulo fez o “milagre” de virar o jogo... Como? Com quais fundamentos ele conseguiu essa façanha? Ah, um (suposto) **fato novo**, só compatível com a (suposta) divindade de Jesus. Qual fato? **Sua (suposta) RESSURREIÇÃO**.

Voltemos, então, um pouco, à psicologia do Jesus humano. Ele, o HOMEM, pode ter ficado ILUDIDO e ACREDITANDO que, com aquela sua teatral participação (e a consequente atuação bélica do “Senhor dos Exércitos”), seria imposta a tão esperada preponderância dos judeus “sobre todas as nações”.

Mas isto ficou nos *sonhos*... Então, *acordando* deles e voltando à vida real, haveria outra versão a considerar, talvez maliciosa e todavia possível... Qual? Alguém (talvez José de Arimatéia) poderia ter subornado os guardas romanos e retirado Jesus da cruz, ainda com vida, e o salvado da morte. Daí sua sepultura encontrada vazia, e mais: Como “quem conta um conto aumenta um ponto”, aqui poderia estar a origem da estória fantástica da RESSURREIÇÃO de Jesus. E o resto é com São Paulo, alicerçado na crença de que Jesus (sem José de Arimatéia) MORREU, sim, NA CRUZ. Mas, depois de morrer, **com seus próprios poderes divinos, RESSUSCITOU**, e reapareceu aos seus amigos, mostrou ao incrédulo São Tomé o ferimento no peito etc., o que seria a prova cabal de sua divindade e essência fundamental da paulina teologia cristã. Não seu reaparecimento, mas sua suposta ressurreição. Portanto, **ressurreição**, ser ou não ser, eis a questão.

QUAL DE VOCÊS NÃO OLHOU AO MENOS UMA VEZ

Antonio Carlos Esteves Torres

Qual de vocês não olhou ao menos uma vez Um outro ser, com lentes de desejo e emoção incontida?

Quem não provou da candência do amor à primeira vista

Das chamas que tanto levam para se converterem em incandescidas brasas?

No correr fervente do sangue pelas veias intumescidas e alargadas

Só uma vez, uma vez só, na história da vida, acontece, não se repete

No axioma da ida sem torna, o mesmo sentimento jamais voltará

Porque única a vez que inaugura a mais inteira soltura das coisas do coração

Esse sintoma não volverá e nem poderá

Como a doçura da vez primeira, livre, sem freios, única, **irrepetível**, pura

Esta sensação quase loucura, assim vivida, descara qualquer significação

Impressa na alma, marcada no coração.

JANELAS DO MUNDO

Raquel Naveira

Recebi o livro *Alinhavos do Tempo* da poeta Lina Tâmega Peixoto, mineira de Cataguases, radicada em Brasília. Que linda capa. Um casarão antigo, amarelado, com quatro janelas altas na fachada. Encontro em versos a explicação: “Ainda existe./ As venezianas entrincheiram os olhos./ Preciso ver se as lembranças estão lá dentro/ resistentes ao corrosivo tempo.” E mais além: “Nesta casa onde o mundo não passa,/ há musgos de astros na janela do quarto.” Que atitude. A pessoa do lado de fora, voltando-se para dentro em busca de si mesma, de seu passado.

Intrigantes as janelas. Os olhos são as janelas da alma, dizem. Simbolizam a consciência e a percepção individual do mundo. Quando se abrem as janelas, o ar e a luz da verdade entram com força, penetram pelos limiares e fronteiras. Janelas de vista estreita, como aquelas do templo de Jerusalém, edificado por Salomão.

A palavra “janela” vem de “Jano”, o deus greco-romano de dois rostos, de duas portas. Janeiro é a porta do ano. Janelas, entradas e saídas enigmáticas, os prós e os contras. “Januella” é diminutivo de “janua”, “porta”. Sonho que sou Januária, louca castelã. Meu castelo tem muitas janelas, arcos, frestas, frinças, claraboias, rosáceas circulares, de vidro colorido, por onde vejo o sol e as estrelas. Todas elas abrem e fecham, num jogo de lampejos, batentes e molduras.

Delas faço contato com pátios internos e céus exteriores. Sou Januária, corro com os bolsos cheios de chaves que trancam e libertam os segredos das janelas.

Também Chico Buarque compôs uma cantiga, no início de sua carreira, uma homenagem a Januária. Januária que madruga na janela da casinha à beira-mar, penteando os cabelos, indiferente aos homens que se encantam com sua beleza e graça, antes de partirem para o oceano com suas redes, entre promessas de pescas e tempestades. Vida e morte. Velas ao vento.

“Janela Indiscreta” é um filme de mistério, um dos melhores do Mestre do Terror, Alfred Hitchcock. Depois de quebrar uma perna fotografando um acidente numa corrida de carro, Jeff (James Stewart), um fotógrafo profissional, está confinado a uma cadeira de rodas em seu apartamento. Sua janela dos fundos dá para um pátio de onde observa com binóculo as janelas dos vizinhos. A namorada de Jeff, Lisa (a deslumbrante Grace Kelly) o visita regularmente. Uma noite, entre raios e trovões, Jeff ouve gritos e vidros quebrando. Percebe que a mulher desapareceu de seu campo de visão. Mais tarde, o marido limpa uma faca e um serrote. Fica então convencido de que testemunhara um assassinato. Um cão é encontrado morto no jardim. As pessoas debruçam-se em suas janelas para

conferir o que está acontecendo, exceto o suposto assassino, que fuma silencioso um charuto na penumbra. Lisa coloca um bilhete de acusação sob a porta do homem. Entra no apartamento por uma janela aberta e é perseguida pelo assassino, que finalmente descobre Jeff na janela da frente. O assassino vai até o apartamento de Jeff e o empurra pela janela. Chegam os agentes da polícia, salvam Jeff e Lisa e prendem o assassino. Tudo volta ao normal. Emocionante, divertido, o filme traz à tona um aspecto sombrio do *voyeurismo*: o nosso desejo de que coisas terríveis aconteçam para as pessoas. Funciona como uma espécie de catarse. De libertação de nossos próprios fardos e tragédias. Somos nós mesmos nos expondo naquela janela indiscreta, espionando e examinando a vida dos outros. Afinal, quem se entrega às mórbidas curiosidades sofre as consequências.

André Vicente Gonçalves, um fotógrafo português, criou o projeto “Janelas do Mundo”. Percorreu países como Itália, Romênia, Espanha, Holanda e Portugal fotografando janelas que contam a história da arquitetura das casas e das cidades, a estética, a alma dos lugares. Vi suas janelas por uma janela da internet.

Lina, seus poemas são ricos e metafóricos. Exigem leitores concentrados. Pude ver você, reclinada na janela da fachada.

Continuação da página 1

OS RIOS DE RONALDO CAGIANO

Lucília Garcez

Se o fazer poético se desdobra em duas vertentes, confissão individual e comunhão social, como afirma Octávio Paz. Cagiano transita entre essas duas veredas entrelaçando a condensação de suas memórias de infância e de suas experiências de vida a uma reflexão que, ao eternizar o efêmero, nos provoca e nos surpreende.

Vem da memória da infância todo um acervo de imagens associadas ao velho Rio Pomba, o rio da sua aldeia, Cataguases: *Nas águas do velho rio/ navegam barcos da infância/ que lancei rumo às estrelas. Ah! como dói saber/ que o menino ainda sobrenada/ na espera infundada/ da margem dos sonhos (Resquílios)*. Mas seu percurso na vida adulta está registrado em versos que de Cataguazes passam por Buenos Aires, Paris, Roma e São Paulo. Assim como os diversos rios servem para instigar sua imaginação e despertar emoções desconhecidas: Meia Pataca, Tejo, Tibre, Tietê. A evocação desses rios constitui motivo para refletir sobre a passagem inexorável do tempo, sobre a degradação das cidades e da natureza, sobre a desumanização, sobre a condição humana em tempos de tanta imprevisibilidade e perplexidade.

Cagiano transcende a intimidade da memória individual para alcançar a comunhão

com as angústias dos homens do seu tempo. Assim, sutis denúncias se deixam revelar: *O chão sob essas águas/ me afaga/ (ou me afoga)/ entre mercúrio, bauxita e miasmas (Rio do sono)*. E o espanto em relação aos absurdos do mundo contemporâneo também se evidencia: *O homem apartado ou dividido,/ sisudo e incomunicável/ como um carrossel alucinado/ na confusão de rostos da babélica metrópole/ tenta sobreviver ao contorcionismo da espécie,/ ilhado entre civilização e barbárie/ (nessa geografia difusa com todos os fusos do mundo)/ numa época de trânsfugas certezas/ nesse ir-e-vir desencantado (Das ruas da pauliceia: domicílios que me cabem na desvairada rotina da cidade)*.

E o que nos eleva o pensamento e nos faz experimentar um prazer estético, às vezes um pouco melancólico diante de sua lúcida visão de mundo, é o extremo apuro de sua linguagem, que se opõe radicalmente à repetição mecânica, aos clichês, às frases feitas, às expressões gastas e cristalizadas, às fórmulas fáceis do coloquialismo, aos padrões convencionais canônicos. O poeta elabora sempre sofisticadas associações, renovando e inaugurando sentidos e significados para o léxico selecionado. A cada verso nos deparamos com uma surpreendente e inesperada organização

do pensamento que configura uma iluminação: *cardumes de sonhos/ rugosa poeira dos meus anos/ águas andarilhas/ espelho insofocável/ cicatrizes de antigas procissões/ estamos vestidos de alfabetos/ cordilheira de livros/ explodem cogumelos de ofensas*. E os seus jogos com as diversas possibilidades semânticas são extremamente criativos: *as lembranças funerárias da infância/ que o esmeril do tempo/ não conseguiu (di)lapidar (Cartão postal)*.

Nas epígrafes dos poemas e no decorrer dos versos um vasto repertório cultural alicerça a estrutura sociocultural das ideias: Rawet, Kafka, Clarice, Céline, Poe, Augusto dos Anjos, Proust, Billie Holliday, Almodóvar, Kiarostami, Ginsberg, Dali, Wim Wenders, Fernando Pessoa entre outros.

Ao final da leitura concordamos com o que o poeta diz a Murilo Mendes: *A poesia está em pânico, Murilo,/ diante desse mundo/ e seu quartel de demônios*. Mas a aventura transfigurada da beleza da linguagem nos ajuda, por meio da emoção, a amar mais a arte e a enfrentar as contradições, dificuldades e obstáculos da vida, pois o poeta nos lembra que *Existir/ é esse rio insone e tumultuado/ (ora leito ressecado, ora água enxundiosa a nos desertar)/ com seu cardume de insolências. (Des(a) tino)*.

VIAGEM AO REINO DE HADES

Vera Lúcia de Oliveira

Um dos preceitos de Hipócrates é “manter a cabeça fresca”. E foi isso que o doutor Juliano procurou fazer quando foi avisado de que só lhe restava um ano de vida. A portadora de tão agourenta mensagem, como uma nova Cassandra ou o velho Tirésias nas tragédias gregas, foi a tia Isaura, que – ela sim – estava quase no barco de Caronte rumo ao Reino de Hades.

Esse é o início do interessantíssimo romance *Morte aos 53 – delírio ou maldição?* (Brasília: (t.) Tagore Editora, 2019), do médico e escritor Valdir de Aquino Ximenes, cearense de nascimento e brasileiro por adoção desde a infância.

A narrativa, misto de ficção e ensaio, prende o leitor desde as primeiras linhas da apresentação do poeta e crítico literário Anderson Braga Horta, assim como o depoimento do personagem editor do futuro livro que começamos a ler, que instiga o leitor a ver que história é essa...

Ao ser informado de que, por gerações sucessivas, os homens de sua família morriam aos 53 anos, o doutor Juliano ficou de cabelos em pé, aterrorizado ante a possibilidade de essa maldição se confirmar mais uma vez e exatamente na sua pessoa. O que fazer com essa morte anunciada agora que acaba de completar 52 anos? Como homem de ciência, racional e prático, começou a organizar a vida, a pouca que lhe restava. Assim, começou por uma pesquisa profunda sobre a indesejada das gentes, pôs-se a decifrá-la; sim, viu-se diante do enigma da Esfinge: “Decifra-me ou te devoro!” (mas no seu caso seria devorado de qualquer maneira, foi o que pensou). Entretanto, entendeu que era preciso estudar a morte para, no fim das contas (e dos dias) desmascará-la, esperando-a, como Tchekhov, com uma taça de champagne na mão. Só que a coisa não foi bem assim: cada pesquisa que fazia sobre os antepassados só confirmava que ele galgava mais um degrau do seu cadafalso. Programou todo tipo de exames para rastrear a inimiga no seu corpo, ela não o pegaria desprevenido. Pensando o quê?

Ele era médico e conhecia as artimanhas da dama da foice. Mas, alternando bravura, destemor e pânico diante da possibilidade de desaparecer tão brevemente, sentiu pena de si mesmo, pois, como obstetra, trabalhava na ponta inicial da vida, bem ao contrário do que estava agora vivenciando. Trazia vidas ao mundo; à vida. Era o primeiro a acolher o bebê do ventre da mãe. Tinha a alegre missão de receber a vida em suas mãos. E agora que só pensava na outra ponta, na porta de saída, podia viver assim? Por que aos 53? Número cabalístico?

Em suas reflexões, o doutor Juliano descobriu que era incapacitado para a morte. Nem como médico aprendera a lidar com ela, uma vez que esta representava o fracasso da medicina. Fez o contrário, portanto: aprendeu a escamoteá-la. Mas agora que se sentia próximo à sua data de validade, entendeu que deveria estudar o fenômeno morte em toda a sua abrangência. Criou coragem e foi à luta. Interrogou tudo. Sentiu-se esmagado emocionalmente ao constatar o desamparo dos seres humanos: mortes inexplicáveis de inocentes, crimes bárbaros contra a humanidade, doenças cruéis, tudo conspirando contra a breve vida dos homens. E sofria.

Mas, numa sacada bem-humorada, percebeu que, se ia morrer aos 53, agora aos 52 era imortal, e, assim considerando, começou a abusar da sorte. Depois de beber, dirigir feito louco, fazer miséria no trânsito, certo de que nada lhe aconteceria, capotou o carro e quase morreu. Escapou por um triz. Entendeu depois que não morreu porque alguém estava no comando: Deus, e que era inútil desafiá-Lo. Voltou a ser um menino obediente, mesmo sem alterar a condição de “quase-morto”. Agnóstico, buscou explicações na ciência e até na vidente bizarra, que viu nuvens negras sobre a sua cabeça. Fica muito mal. Nega Deus, questiona-O, buscando compreender o caos da existência. Como “o cadáver adiado”, de Fernando Pessoa, que ele cita, está perdido em suas leituras, pensamentos e solidão. Buscou os prazeres da vida, do sexo, como

forma de compensação. Como se não bastasse a sua aflição, lembrou-se que a maldição da família poderia fazer de seu filho a próxima vítima. Mais essa! E agora, contar para ele, ainda tão jovem, essa história macabra?

O ano vai passando, os 52 vão lhe escapando pelos dedos, e o doutor Juliano aprofunda suas pesquisas sobre a morte. Recorre à filosofia, à religião, à medicina, à literatura tentando achar respostas para o seu drama existencial. Essa é a parte *dark* do livro: os especialistas, o “esquadrão da morte”, no bom sentido, constituído por aqueles que ganham a vida dedicando-se à morte, profissionais como médicos, terapeutas, legistas, coveiros, e outros, dão seus depoimentos. No entanto, o trabalho da ampuheta não para, indiferente ao destino do doutor Juliano. Tenta compreender o sentido da vida. Há um sentido?

Mas refletiu que todos os brasileiros estavam na linha de tiro como ele, pois, sendo o país que mais mata entre os cinco mais populosos do mundo, é muito fácil morrer no Brasil por bala perdida, assaltos, acidentes de todo tipo, doenças mil, falta de recursos hospitalares. Um país minado: violento e desorganizado.

A corda está cada vez mais apertada no seu pescoço, e a espada de Dâmocles está literalmente por um fio sobre a sua cabeça... Então, não veria mais o pôr-do-sol na Concha Acústica de Brasília? Não andaria mais pelas quadras e parques da cidade que ele tanto amava? Apercebe-se de sua solidão visceral, de seu destino de ser-para-a morte e pensa em suicídio (Seria melhor sair à francesa deste mundo?). Nesse momento, prestes a fazer 53 anos, era como se ouvisse o corvo de Poe sussurrando sem cessar em seus ouvidos: “Never more!”

Bem, para saber mais, só lendo o livro do doutor Valdir, que se revela um mestre do suspense nesse livro convincente, emocionante, sofrido, de profunda compreensão da dor humana diante da morte. Livro trágico e belo que já é um dos melhores de Brasília. E do ano.

LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Alberto Bresciani

UMA DENÚNCIA DE OPRESSÃO

Carta à rainha louca, romance de Maria Valéria Rezende, é livro que se lê com muito encantamento. A trama tem lugar no século XVIII – de Maria Antonieta, da Revolução Francesa e da Inconfidência Mineira, do terremoto de Lisboa, de Vivaldi e Mozart, dos poetas Marquesa de Alorna e Cláudio Manuel da Costa –, quando Isabel das Santas Virgens escreve longa carta à Rainha Dona Maria I, de alcunhas “a Piedosa” ou “a Louca”,

relatando sua vida de limitações e sofrimento. Um retrato, sobretudo, da condição feminina no Brasil colonial. O tempo é, em termos, uma questão estética, porque a humanidade continua sempre a mesma. O livro o confirma. A vida de Isabel, mudados os ambientes, poderia situar-se duzentos anos antes ou duzentos e tantos anos depois, quando muitas mulheres, especialmente as mais pobres, ainda encontram tantas prisões em

seus cotidianos. A linguagem flerta com os usos da época, sem perder o lastro na contemporaneidade. A adaptação do romance resultaria em filme fantástico. Sem dúvida alguma, um dos melhores livros da temporada.

Carta à rainha louca, de Maria Valéria Rezende, Editora Alfabeta, 2019, 143 páginas.

LEMBRANÇAS DO POETA ÉDISON MOREIRA, NO SEU CENTENÁRIO

Danilo Gomes

Na década de 1960, a Livraria Itatiaia, na Rua da Bahia, beira da Av. Afonso Pena, Belo Horizonte, era um conhecido ponto de reunião de escritores, jornalistas, acadêmicos, políticos, pintores, leitores em geral. Ali pontificava o poeta Édison Moreira, com seu indefectível cigarro, seu bom humor e espírito brincalhão, e sua voz de comando. Esse comando era dividido com seu irmão Pedro Paulo, o proprietário da editora Itatiaia.

Com 20 anos de idade, estudante e sempre com magra pecúnia no bolso, comecei a frequentar a livraria e fiquei amigo de Édison Moreira. Passei a auxiliar o Édison na coluna literária que ele mantinha no jornal "Estado de Minas". Lá ia eu frequentemente, em dias de semana. Eu ficava por lá todas as movimentadas manhãs de sábado. Passei também a fazer revisão tipográfica e escrever algumas "orelhas" de livros da editora. Fiquei amigo do escritor Vivaldi Moreira, da Academia Mineira de Letras, e de seus filhos Pedro Rogério, José Maria, Eduardo Vitor e Maria do Céu. José Maria Couto Moreira, jurista, se tornaria um estudioso da História de Roma e publicou um apreciado "Pequeno Dicionário Histórico de Roma". Pedro Rogério Couto Moreira (literariamente Pedro Rogério Moreira) tornou-se um – consagrado escritor, autor de vários livros, o último dos quais *Memórias da diverticulite – Novela sobre a eleição presidencial* (Brasília, Thesaurus, 2019, capa e diagramação de Cláudia Gomes); e é o sucessor de seu pai na Academia Mineira de Letras.

Pela livraria dos irmãos Moreira passavam escritores e pintores que hoje pertencem à história cultural de Minas, como Paulo Pinheiro Chagas, Milton Campos, Alberto Deodato (nascido em Maroim, SE), Euclides Marques Andrade, Mário Casassanta, Manoel Casassanta, Yeda Prates Bernis, Fritz Teixeira de Salles, José Bento Teixeira de Salles, Moacyr Andrade, Djalma Andrade, Eduardo Frieiro, Ayres da Matta Machado Filho, Fausto Alvim, José Faria Tavares, José Afrânio Moreira Duarte, Jacinto Guerra, Oscar Mendes (que lá trabalhava, como tradutor), Chanina, Ângela Vaz Leão, Bueno de Rivera, Emílio Moura, Soares da Cunha, Mário Mendes Campos (pai de Paulo Mendes Campos), Manoel Hygino dos Santos, Yara Tupynambá, Mário Mattos, Cristovam Colombo dos Santos, Oiliam José, Augusto de Lima Júnior, João Camillo de Oliveira Torres, tantos outros.

Autores que moravam fora de Minas também iam lá para lançar seus livros: Mário Palmério, Tasso da Silveira, Nelson Palma Travassos, muitos outros.

Posso dizer que Édison Moreira, Vivaldi Moreira e Eduardo Frieiro se transformaram em mestres do moço marianense que tanto aprendia naquela "faculdade livre", que era um mundão de livros e quadros, um verdadeiro paraíso que encantaria Jorge Luis Borges.

Entre uma providência de trabalho e outra, Édison Moreira lia em voz alta poemas num e noutro

livro que sempre tinha à mão. Com sua voz possante e bem modulada, recitava poemas de autores de sua estimação, dentre eles Pablo Neruda, Augusto Frederico Schmidt e Alphonsus de Guimaraens Filho.

Serei sempre grato aos três irmãos Moreira, com os quais muito aprendi, naqueles ricos e politicamente agitados anos de minha formação. Muitos anos depois, em 1995, um grupo de escritores, tendo à frente o próprio Presidente da Academia Mineira de Letras, Vivaldi Moreira, levou-me a me candidatar a uma cadeira na Casa, na vaga de Cyro dos Anjos.

Para expressar minha gratidão aos ilustres irmãos Moreira, valho-me da oportunidade do centenário de nascimento do grande poeta e acadêmico Édison Moreira. Na noite de 31 de maio deste 2019 a efeméride foi celebrada em noite de gala, na Academia Mineira de Letras. Escrevi pequena mensagem, lida naquela sessão pelo escritor Rogério Faria Tavares, recém-eleito Presidente da Casa, sucedendo a operosa Elisabeth Rennó.

Naquela sessão foram prestados diversos depoimentos sobre o saudoso homenageado, e o palestrante da noite foi o escritor e economista Renato Sampaio, que teve o privilégio de desfrutar da amizade e do convívio de Édison Moreira.

Renato Sampaio nasceu em Itabira, MG, e vive em Belo Horizonte. Economista, formado pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, atuou em diversas instituições financeiras. Foi chefe da Consultoria Técnica do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, diretor-adjunto da Credireal Financeira, diretor-técnico e vice-presidente da Credireal Leasing. É autor do livro *Financeiras, a experiência brasileira*, no qual aparecem, pela primeira vez no Brasil, em linguagem matemática, os mecanismos operacionais ligados às chamadas Sociedades de Crédito, Financiamento e Investimento.

No campo da literatura, das artes plásticas e da música, Renato Sampaio também se destacou, dedicado a intensas pesquisas. É poeta, cronista, contista. Além de um *song book* intitulado *O violão brasileiro de Mozart Bicalho*, publicou os seguintes livros de contos, poemas e biografias: *A última missa em Latim*, *Contos de bom humor*, *A fotografia na parede*, *Lições de Pedramor*, *O Concerto de Aranjuez e outros poemas*, *Chanina: arte e trajetória* e *Inimá: uma biografia*. Conterrâneo de Carlos Drummond de Andrade, Renato Sampaio tornou-se amigo muito próximo do grande poeta e cronista.

Cumprir registrar que, na abertura da Quinta Literária de 30 de maio, o Presidente da Associação Nacional de Escritores-ANE, Fabio de Sousa Coutinho, fez oportuna e simpática referência ao centenário de Édison Moreira e à homenagem que lhe prestavam a família, os amigos, a Academia Mineira e Renato Sampaio.

TIRADENTES

Pedro Luiz Masi

Foi quando as grossas cordas
eternizaram o sacrifício.
Apareceu o homem,
tinha no olhar o Tempo e seu futuro,
barbas compridas,
camisola branca.
Era um Cristo fugitivo talvez
das mãos plásticas do Aleijadinho?

A cabeça decepada
majestosa
dominou Vila Rica.

Ao apagarem-se as candeias
ainda se via a luz firme do olhar
[do herói no centro da praça.

No poste macabro
os corajosos queriam falar com o morto.
Sabiam de um futuro de homens iguais
em liberdade!

PROFISSÃO DE FÉ

Fernando Mendes Vianna

Os ofícios do corpo,
os rituais do barro são terrestres.
Nuvens do céu, para sempre
e sempre, esquecei-me!

Ó terra, minha imagem e semelhança!

Cada gesto move o pó
– tatuagem em cada poro.

Cada veia é uma raiz.

Adeus levitação,
meu esquarteramento!

LENDO CECÍLIA MEIRELES

Fernando Py

A Helena Parente Cunha

Um pouco de cinza
caiu no teu livro.
Soprei-a. E ficou
a menos que marca
ou traço de vida
em meio à poesia
que vives, discreta:
somente o vestígio
do verbo pensado
na póstuma escrita.

O ETERNO INVERNO DE NOSSO DESASSOSSEGO

*The past is not dead.
It is not even past.
(William Faulkner)*

Ronaldo Cagiano

Na literatura brasileira não são poucas as obras, seja no cunho jornalístico ou ficcional, que abordam o período da ditadura, percursos narrativos que ajudam a lançar um olhar crítico sobre os anos que culminaram na morte da democracia, na negação das liberdades individuais e coletivas, no engessamento das instituições e extinção de garantias constitucionais, além do atraso político, moral e social que pesam sobre gerações.

Apenas para não eludir a memória, nesses tempos de ressurreição do obscurantismo e de assanhamento saudosista dos insones arquitetos dos golpes, vale lembrar livros que mapearam e continuam a lançar luzes sobre a noite e as catástrofes que se seguiram ao golpe militar de 1964: “Zero” (Ignácio de Loyola Brandão), “Reflexos do baile” e “Quarup” (Antonio Callado), “Os carbonários” (Alfredo Sirkiss), “O que é isso, companheiro” (Fernando Gabeira), “O amor de Pedro e João” (Tabajara Ruas), “É tarde para saber” (Josué Guimarães), “Os que bebem como os cães” (Assis Brasil), “Cabo de guerra” (Ivone Benedetti), “O fantasma de Luís Buñuel” (Maria José Silveira), “Não falei” (Beatriz Bracher), “Não és tu, Brasil” (Marcelo Rubens Paiva), “A noite da espera” (Milton Hatoum), “O indizível sentido do amor” (Rosângela Vieira Rocha), “Palavras cruzadas” (Guiomar de Grammont), dentre outros.

A representação da ditadura na literatura acaba de ganhar mais uma obra que vem ao encontro de uma necessidade cada vez mais urgente, a de retomar a verdade do passado (que a história oficial sempre quis manipular, esconder ou negar) para que ele seja lembrado não em clave de revanchismo, mas como imperiosa ordem moral e ética que nos imponha a obrigação íntima de revidar toda tentativa de repeti-lo, não nos esquecendo do horror que representou.

“Outono”, de Lucília Garcez (Ed. Outubro, DF, 2017), um dos mais recentes e indispensáveis livros para a compreensão desse período, percorre com maestria e faro jornalístico, mas sem cair na tentação do didatismo ou da panfletagem, essa triste e inesquecível quadra de nossa aviltada República. A história é contada sob o prisma de uma vítima do regime militar, Ângela, que perdeu o marido para o aparato de repressão e explora o temor vivido por uma personagem que passou sua existência na esperança de encontrar um corpo e consumir um luto. A figura emblemática de Danilo, o companheiro desaparecido, como de tantos outros militantes contra a opressão, criou a terrível sensação de impotência das famílias que buscavam seus parentes tragados pelo buraco negro do terrorismo de estado.

Ângela é símbolo dessa luta e remete-nos a 1977, à memória dos discursos inflamados dos deputados Marcos Tito (MG), Chico Pinto (BA), Lisâneas Maciel (RJ) e Alencar Furtado (PR), da ala autêntica do MDB, que denunciaram no parlamento e num programa eleitoral de tevê as atrocidades do regime, episódio que culminou em uma reação da ala radical do Exército, vingando-os com suas imediatas cassações. O pavor

foi exposto em rede nacional, quando o parlamentar paranaense, em contundente e antológica acusação, tocou nas feridas do regime, abriu suas vísceras e acusou o sistema por esconder essa chaga dos desaparecidos: “Para que não haja esposas que enviúvem com maridos vivos, talvez; ou mortos, quem sabe? Viúvas do quem sabe ou do talvez”. Era o princípio da pá de cal na era de exceção, que iria tempos depois tomar vulto no brado nacional, até ruir com o advento do clamor pela anistia e pelas Diretas-Já, movimentos que a autora dissecou em sua integridade e veracidade no decorrer do romance, lembrando-nos sempre a lição de Octavio Paz: “Se a memória se dissolve, o homem se dissolve.”

Lucília Garcez, professora da UnB e com uma carreira literária vitoriosa e premiada com uma vasta bibliografia infanto-juvenil, viveu na pele esses tempos conflagrados, inserida no olho do furacão social, acadêmico, político e histórico de seu tempo, numa Brasília inviabilizada pelos coturnos. Sua experiência pessoal e de frontalidade com esse período ajudou a construir, por meio da ficção, uma personagem que encarnasse o pesadelo de então e metaforizasse o clima vivido pelo país.

Em “Outono” mesclam-se a narrativa em primeira e terceira pessoas e fluxos de consciência em meio aos registros, referencialidades e memória da época, como a literatura, a música, o cinema, o teatro – as artes, em geral – que emulavam os gritos de revolta e resistência e fomentavam protestos de estudantes e diversas classes da sociedade civil. O inconsciente da autora teve papel preponderante na tessitura dessa trama, dando-lhe contornos fiéis e funcionando como reposição, “in totum”, das tintas que construíram o imenso painel do totalitarismo que amedrontou e submeteu o país e a nação à sua mais longa noite, à sua mais dolorosa agonia.

A densa e tensa narrativa de “Outono”, é na esteira da memória, como um verdadeiro encontro de contas com a história, para que possamos evitar que o passado volte com seus guantes de aço, o que nos remete a Walter Benjamim, para quem “Um acontecimento vivido é finito. Um acontecimento lembrado é ilimitado”. Nessa perspectiva os personagens fictícios, caudatários dos que viveram ou agiram naquele período, são aqui recriados em sua dimensão humana. Mas os fatos, tais quais relatados, embora fruto da imaginação, são reverberações especulares da verdade dolorosa: o terror da repressão que impôs silêncio, algemas, torturas, expulsões, banimentos, mortos, cadáveres insepultos, nascidos nos porões do DOI-CODI, pelas mãos de Fleury, Brilhantes Ustras, Curiós e outros vermes assassinos do regime, a que a autora deu voz e lhes conferiu autenticidade e verossimilhança.

“Outono” traz um caleidoscópio bem estruturado de circunstâncias, sensações, apreensões e marcas indeléveis na vida da protagonista Ângela, na alma da autora, na consciência do narrador. Lucília escreve adotando o recurso dos flashbacks, o trânsito entre passado e presente. Estabelecendo um diálogo entre o sofrimento da esposa que tenta

desesperadamente descobrir o paradeiro ou o corpo do marido e, saltando no tempo, já como mãe de Vitória, amadurecida pela barbárie e contingências vividas, impossibilitada de resgatar o companheiro tragado pela roldana da violência ditatorial, passa a viver outra vida, segue as exigências do tempo, se apaixona pelo livreiro Francisco, e vai des(a)fiando seu novelo de inquietações, traumas, bloqueios, novos conflitos e dilemas que a impedem de sentir, viver e amar novamente, expondo a sua humanidade e a tragicidade poética de uma vida sempre exposta aos passivos e reverses da caminhada.

Obra de inegável qualidade estética, tanto pela profundidade temática quanto pela força dramática, além de uma linguagem permeada de sensibilidade e sutilezas estilísticas, “Outono” firma em caixa alta a estreia de Lucília Garcez no romance.

Escritora cujo talento, vigor e versatilidade comprovam o pleno domínio da linguagem e manejo seguro de todas as possibilidades de comunicação e interpretação do momento histórico e afetivo de sua personagem, cujas reminiscência e cicatrizes ajudam a descrever o Brasil de hoje. Um tento alvissareiro em sua carreira, sobretudo marcando posição e coerência num momento de amnésia coletiva e a hipnose das fake News, em que é preciso refletir e questionar a fase crucial da vida brasileira, o que nos faz lembrar um personagem de José Eduardo Agualusa em “Manual Prático de Levitação:” “O passado é como o mar: nunca sossega”.

Mais do que necessário e oportuno, Lucília Garcez mapeou esse mosaico de vicissitudes e seu texto direto e conciso, que pauta a investigação e a discussão filosófica sobre esse período, deu voz a seus vivos e nos ajuda a navegar nesse imenso oceano de perplexidades, em meio à escuridão que ameaça reverberar e esqueletos que insistem em renascer dos escaninhos do imaginário e nos assustar, trazendo-nos o perigo novamente, de um inverno de nossa desesperança, descontentamento e desassossego, reverberando a lição de Paul Ricoeur: “Seria preciso recontar essa história com os olhos do presente, para exorcizar a dor.”

Trecho:

“Eu contava os segundos, os minutos, as horas, os dias numa impotência sem limites. Sentia-me inútil, indefesa, mergulhada no ódio aos militares que tinham transformado minha vida e a do país naquele inferno.

O absurdo do arbítrio, da perseguição, da repressão estava ali diante de mim de forma concreta. Não eram apenas alusões, insinuações, relatos vagos ou comentários superficiais dos quais eu pudesse me distanciar. Era a crua verdade. Danilo estava preso e corria o risco de morrer, como sabíamos que outros companheiros tinham terminado, eliminados sem piedade.”

POUND E O ABC DA LITERATURA

Gilmar Duarte Rocha

Um escritor que se propõe a apresentar a sua obra com o título de *ABC da literatura* certamente deve ser questionado mediante o maniqueísmo “é gênio ou louco?”. Tratando-se o autor do livro com o presunçoso título de, nada mais, nada menos, do que Ezra Weston Loomis Pound, nascido americano no estado de Idaho, em 1885, e morto cidadão do mundo, em Veneza, Itália, em 1972, podemos escolher a primeira qualificação (gênio) sem nenhuma hesitação, levando em consideração que a sua poesia transcendeu as regras do convencionalismo; emulou em vanguardismo com gigantes do verso como Dante Alighieri e Goethe e inaugurou a corrente literária chamada de poesia modernista.

Ezra Pound desde cedo mostrou as garras contra o establishment, escrevendo e compondo na contramão do gênero lírico; levantando bandeiras a favor da vanguarda e cavando trincheiras contra o tradicional, o conservador e o lugar-comum.

Fã incondicional do conterrâneo Walt Whitman, autor do clássico *Flores de relva*, começou a publicar poesias ainda em solo americano, causando espanto imediato em críticos, amantes da poesia e professores e inovadores do gênero como William Carlos Williams. Conforme o crítico José Lino Grünwald mencionou na introdução da edição em português do famoso clássico do poeta *Os cantos*, editora Nova Fronteira, 2006, “Williams, também poeta-inventor e o seu primeiro grande amigo, desde o período da Universidade da Pensilvânia, procurara conhecer o inaudito colega que causara confusão no recinto, contestando os saberes do professor. A partir daí, já começara tudo — a revolução do que se entende por poesia, feita por um homem só, ou melhor, um só poeta”.

A América então, impregnada ainda com o ranço *quacker*, ficou pequena para o talento e as ambições do jovem erudito, que migrou para a Europa, passando pouco tempo em Londres e depois indo desaguar as suas lavas incandescentes em Veneza, Itália, onde publicou o seu primeiro livro, *A lune spento*, em 1908. Daí em diante, seguiram-se outros escritos instigadores como *Personae* e *Exultations*, 1909; *The spirit of romance*, 1910; *Canzoni*, 1911; *The sonnets and ballads of Guido Cavalcanti e Risposts*, 1912; *Cathay*, em 1915; *Lustra, Gaudier-Bzerska*, estudos sobre as peças *Nô* do Japão, em 1916; por fim, sua primeira publicação de “Os cantos” I a III, em Nova York, 1917, e outra versão mais apurada em 1925, na Itália.

Com *Os cantos*, um livro explicitamente inspirado em Homero, o prestígio de Pound avançou múltiplos patamares, alçando-o à fama e abrindo portas e contatos importantes, como o consagrado poeta irlandês William Butler Yeats, que o rotulou de “vulcão solitário”, um dístico usado pelo renomado professor e escritor John

Tytell, para dar título ao seu livro que versa sobre vida e obra de Pound, obra vencedora do prêmio Pulitzer (*Ezra Pound, the solitary volcano* – Doubleday, 1987).

Pound, após revolucionar a poesia moderna, continuou como um vulcão em permanente erupção, mantendo atividade em tudo que se relacionava à área literária da Europa pós-Primeira Guerra Mundial, passando a atuar também como empresário, agente e patrocinador de expoentes das letras como James Joyce, Wyndham Lewis, T. S. Elliot e Ernest Hemingway, este último, inclusive, presta reconhecimento ao trabalho do mecenas com o seguinte texto:

“... Pound consagra, digamos, um quinto do seu tempo à poesia, e, o restante, a ajudar seus amigos, do ponto de vista material e artístico. Defende-os, quando são atacados, consegue-lhes publicação nas revistas e tira-os da prisão. Empréstos dinheiro, vende seus quadros. Apresenta-os a mulheres ricas.”

Eliot, por seu turno, submeteu os rascunhos do seu clássico *The waste land* a Pound, que realizou cortes profundos na obra sem contudo descaracterizá-la, merecendo o elogio do protegido com a dedicatória “for Ezra Pound, il miglior fabbro (*A Ezra Pound, o melhor artífice*)”.

A partir da década de 30, na medida em que a sua produção literária perde fôlego, suas posições políticas ganham força, optando pelo obscuro caminho de apoio e apologia ao fascismo de Mussolini e ao antissemitismo de Hitler, atuação que lhe custou muito caro após o desfecho da grande tragédia bélica do século XX.

Pound foi preso após o conflito e libertado em razão do protesto de diversos artistas e intelectuais, tendo sido repatriado logo em seguida.

O período que compreendeu os quinze anos seguintes de sua vida tornou-se literalmente um inferno, tendo sido internado por incapacidade mental e impossibilitado de produzir ou criar quase nada. O vulcão agitado de outrora parecia agora extinto para a eternidade.

No entanto, após a retirada da acusação de traição à pátria em 1958, Ezra Pound retornou gradativamente à ativa e cuidou em dar consequência aos seus “Cantos” e a trabalhar em outros escritos, entre eles o pouco conhecido *ABC da literatura* (em inglês *ABC of reading*), cujo esboço ele traçou em 1934, mas que lançou efetivamente em 1970, tendo sido recentemente traduzido para o português brasileiro por Augusto de Campos (Editora Cultrix, 2013).

Como quase toda obra do “bardo de Veneza”, apesar de não ser livro de poesia, e sim um arremedo de ensaio, o texto se desenrola livre e fragmentado. Nele, Pound desliza despreocupadamente sua verve e erudição, ministrando conselhos a poetas diletantes e tecendo analogias entre poemas e músicas, que aliás foi o binômio que galvanizou a construção do seu clássico “Cantos”.

Em *ABC da literatura* ele tece comentários, digressões e abstrações interessantes, algumas verdadeiras pérolas como:

“É muito difícil ler um romance policial duas vezes, em outras palavras somente um policial muito bom será passível de releitura, após um longo intervalo, e isso porque a gente prestou tão pouca atenção a ele que já esqueceu completamente a sua história”.

Ou

“Dante diz: uma canzone é uma composição de palavras postas em música”, que Pound explica em seguida: “A afirmação de Dante é o melhor ponto de partida para começar uma peça de poesia porque ela faz o leitor ou o ouvinte partir daquilo que ele efetivamente vê e ouve”.

Ou

“A linguagem é o principal meio de comunicação humana. Se o sistema nervoso do animal não transmite sensações e estímulos, o animal se atrofia”.

Se a literatura de uma nação entra em declínio, a nação se atrofia e decai”.

Em suma, a obra de Ezra Pound, como a de todo gênio, não pode e nunca será definida e qualificada de maneira definitiva, muito menos em linhas curtas e textos de caráter “en passant”. Aos que apreciam uma poesia desafiadora e intrigante, fica aqui a recomendação para se debruçar em cima do legado literário do Vesúvio italo-americano, um gigante adormecido.

SOCORRO

Antônio Carlos Santini

Rosa indefesa sob o vento norte,
Frágil caniço em meio à tempestade,
A insegurança me circunda e invade,
O medo me domina em seu transporte.

Que vida é esta, tão sujeita à morte?
Que ser exposto a tal fragilidade?
Sou prisioneiro entre cadeia e grade,
Joguete dos embalos desta sorte...

E quando mais me assola essa procela,
Quebrando o mastro, destruindo a vela,
Ruína iminente, tenebroso fim,

Meu Deus serena as ondas num repente
E sua proteção se faz presente:
— Asas de águia extensas sobre mim...

(Minduri, MG – 6.6.2019)

O APETITE DOS MORTOS

(romance)

Ronaldo Costa Fernandes

Minha mãe então se encontrou com o homem de gravata vermelha que a esperava na esquina do Bob's. O homem de gravata vermelha era Alfredo. Era um sujeito bonito, alto, alourado. Um homem primário, de poucas palavras, desconfiado. Tinha sofrido uma traição brutal. A mulher, que ele chamava de dona Abóbora, com desdém ao nome verdadeiro dela, o havia traído com um funcionário do cinemazinho que ele gerenciava no subúrbio do Rio. O funcionáriozinho levou dona Abóbora e seus dois filhos. Alfredo nunca mais procurou os filhos. Só quando estava à morte, os filhos apareceram. Alfredo se virou na vida como pôde. Trabalhou em todos os ofícios possíveis, entre eles, gerente do Parque Shangai. Passei de ter um oficial da Marinha como pretendente a padraсто a um sujeito como Alfredo que virou mito para mim ao me levar ao Parque Shangai e liberar todos os brinquedos ao filho da sua amante.

O último e mais constante ofício de Alfredo foi ser gerente de casa de jogos de carta. Levou anos dirigindo um clube em Copacabana, cuja única atividade era o jogo. Alfredo era exímio jogador, mas nunca jogava. Uma regra que não estava escrita, mas que ele cumpria ao pé da letra. Dirigiu o jogo no Clube Leblon, na General Urquiza, onde fui a alguns bailes de carnaval. Fechado o clube para dar lugar a um prédio de apartamentos, ele foi para o Leme e aí ficou até morrer. Alfredo era primo de Dias Gomes. Fomos várias vezes à casa do Dias Gomes. Certa vez, perseguido pela polícia política de Carlos Lacerda, Dias se escondeu no apartamento minúsculo de Alfredo. Alfredo tinha uma vida tão anódina que ninguém acharia Dias Gomes no apartamento de Alfredo.

2

Chabubi era um menino pálido, sem lábios, assustado, de cabeça melado e escorrido, fungava sem parar, olheiras mais para árabe que para judeu. Morava no mesmo prédio da Visconde de Pirajá. Eu ia assistir a filmes sobre americanos e nazistas no cinema onde hoje é o Chaika, com cadeiras de madeira, e via Chabubi com os olhos arregalados no escuro. Não brincava com os outros meninos, vivia ensimesmado e fugindo de uma Gestapo que sempre devia estar em outro quarteirão ou mesmo na Prudente de Moraes, numa velha fábrica abandonada. Para Chabubi ali devia ser o campo de concentração, com seus tijolinhos marrons e a enorme chaminé fabril.

Outro judeu é uma mulher. A judia morava no apartamento do décimo andar. Raquel, ou dona Raquel, era clara, bonita, mas com nariz curvo, baixinha, de olhos claros, o rosto manchado de sardas. Não devia ser muito velha, porque, sendo garoto, ela criava em mim certa sedução. Via-a poucas vezes. A última, vamos dizer, propriamente não a vi. Abri a porta do elevador, dei de cara com o lençol branquíssimo. Dois homens lá dentro. Um deles espalmou a mão. Não pode entrar. A expressão do rosto era de desconsolo. Não sabia se ficava irritado ou se tinha pena de mim por ter presenciado a cena. Ela morrera de coração. Achava indigno morrer assim, rudemente, e ser levada enrolada num lençol num elevador de serviço.

Também me lembro de Ester e Davi Montenegro. Este último estudava comigo no Brasileiro de Almeida. Apesar do nome cristão, era um judeuzinho empinado, sem queixo, com buço exagerado e uma palidez que acreditei ser comum à raça. Acanhado, gago, Davi vivia pelos cantos e era vítima de algumas brincadeiras cruéis

por parte de Orceci, um grandalhão, atrasado em um ano, que maltratava a todos nós. Eu me socorria dos meus ataques de asma. A solidariedade de Orceci era imediata. E chegava até a me proteger. Ninguém mexe com ele, ameaçava. Já Davi não escapava. Orceci o pendurou no quadro-negro e grampeou-lhe a bunda. Tinha pena de Davi. Mas tinha medo de Orceci. Sentia remorso, via-me como covarde por não defender Davi. Como eu ia defender Davi se mal conseguia me defender?

Lea era diferente. Conheci no André Maurois. Era uma figura frágil, de voz quebradiça. Tinha unhas grandes e bem cuidadas para uma adolescente. Procurava-me para conversar sobre livros. Gosto dos diálogos, às vezes chego a pular a descrição e ficar só com os diálogos, me disse ela. Sugeri que ela lesse peça de teatro. Argumentou que os diálogos da peça de teatro são diferentes do romance. Não me explicou, contudo, qual era essa diferença. Eu ficava em casa matando a cabeça para entender o que era diferente no diálogo da ficção e do drama. Sempre me impressionaram as figuras desconexas: corpo de um, cara de outro. Uma cabeça pequena num corpo avantajado, voz grave em corpo franzino ou mão envelhecida num corpo jovem me davam a angustiada sugestão de um corpo montado, uma falsa dublagem ou um truque qualquer para enganar meus sentidos.

Fiquei mais amigo de Lea. Visitei sua casa, a conversa sempre sobre livros. Sua mãe me recebia com chá e bolo. Não fui acostumado a chá, tomava constrangido e sem gosto. Lea, em casa, era formal e se parecia mais com a mãe que com a garotada do André Maurois. Passado um tempo, ela não comparecia mais às aulas. Liguei e não conseguia falar com ela. Tomei um ônibus, descí na Miguel Lemos, subi ao apartamento, toquei a campainha. Lá de dentro, depois de esperar em meio à penumbra de uma sala com grossas cortinas de veludo, surgiu a mãe. Lea não pode mais conviver com os garotos do colégio, me disse ela. O argumento era o mais desastroso: ela era judia, ia se casar, o marido, estudante de medicina, não queria amizade nem de góis, nem de colegas homens, mesmo judeus. Não sei se permaneci mais atordoado quando vi dona Raquel enrolada num lençol, morta, no elevador, ou quando ouvi aquela afirmação desprovida de lógica da mãe de Lea.

3

Pelo que posso me lembrar, Newton é o comunista mais antigo. Oficial da Marinha, não tinha atividade política. O irmão era sindicalista, operário de uma oficina gráfica em Bonsucesso. Fora preso depois do golpe de 64. Era membro do Partido. Mas Newton apenas tinha simpatia pelos marinheiros revoltosos. Falava sobre *O encouraçado Potemkin*, que, àquela altura, eu não sabia o que ou quem era. Minha mãe era inculta, embora tenha se casado com um homem culto como meu pai e namorava Newton. Alguma coisa estranha tinha mãe que atraía homens como meu pai e Newton. Já Alfredo era apenas um grandalhão rude e magoado pela vida.

No dia do golpe fui ensinar Chabubi a jogar botão. Eu jogava com bolinha de algodão, que é muito mais difícil que jogar com dadinho. Mas usei dadinho para ensinar Chabubi que até mesmo desconhecia futebol de carne e osso. Expliquei tudo, mas ele tinha dificuldade de entender. De onde Chabubi viera não havia futebol, não havia paz, não havia esporte. O único esporte da família de Chabubi era plantar. A família de Chabubi era

comunista, mas de onde viera havia mais comunista que a família de Chabubi, então eles tiveram que emigrar. Eu não sabia direito a história da família dele. Mas Chabubi não tinha medo dos comunistas, tinha medo era dos filmes de guerra onde os nazistas queimavam judeus.

– Chabubi tu é russo?

– Chabubi não é russo.

– Chabubi é comunista?

– Chabubi é brasileiro.

– Que brasileiro, Chabubi. Tu nem sabe o time do Flamengo.

Ele se debruçava sobre a mesa de botão, apertava a vidrilha do relógio que pulava sob a pressão, o dadinho ia se perder sobre a trave de plástico. Chabubi olhava os aviões de carreira sobrevoando nossas cabeças. O ruído dos motores no voo rasante, bem perto dos prédios, a gente sem entender que era o golpe que se perpetrava, os militares aquartelados, os tanques tomavam as principais vias, um silêncio de feriado, as ruas vazias, o vento dando cabriolas nas folhas de jornal.

Chabubi ia à praia e continuava no campo de concentração. Os ossos aparecendo. Embora moreno, a palidez do rosto se espalhava pelo corpo como uma grande mancha esmaecida. As mãos e os pés magros e enormes. Não suportava a umidade e o calor sufocante. Pensava nele como um judeuzinho sofrendo as altas temperaturas da câmara de gás da praia. Eu temia que Chabubi se matasse como o coração enforcou dona Raquel. Chabubi não ia à escola. A mãe de Chabubi queria que ele cursasse uma escola judia. Eu não conhecia nenhuma escola judia. Mas o judaísmo de Chabubi era esquisito. Não entendia porque Chabubi não era um judeu comum. Talvez Chabubi fosse um judeu árabe, ou talvez Chabubi não fosse judeu, só apenas árabe.

– Chabubi, tu é muçulmano?

– Não, Chabubi é judeu.

– Chabubi, tu nem sabe o time do Flamengo.

Outro comunista era o Paulo. Viera ao Rio para estudar. Morava numa pensão do Catete. Entrara na política estudantil. Usava calças pescando siri e, quando ia almoçar na minha mãe, cansado da comida do Calabouço ou porque estava sem grana nenhuma, Paulo, de uma família grande e tradicional da nossa cidade, falava sobre a revolução cubana, de Fidel Castro, da invasão da baía dos Porcos e da sociedade futura, justa e igualitária, onde todos teriam seu prato de comida, casa, educação de graça e calças pescando siri.

Viera para o Rio a fim de ingressar na diplomacia. Participava da UNE, pichava muros, fazia discursos exaltados, aparecia em casa com o rosto cheio de hematomas. Minha mãe fazia curativos. Não tinha medo de que batessem em seu rosto ou nas pernas. O medo é que quebrassem os dedos. Alimentava sonho de ser pianista. Em nossa cidade, tocava na televisão, desde Chopin até Ernesto Nazareth. Programa ao vivo. Levantava-se e agradecia. As palmas eram falsas. Curvava-se para os poucos técnicos dentro do estúdio. Ele estava no restaurante do Calabouço quando o Edson foi assassinado. Paulo às vezes desaparecia e minha mãe não sabia se ele havia sido preso, se se perdera na noite do Rio tocando piano ou andava de namorada nova, gola rolê no pescoço e barba rala de Che Guevara na cara.

(trecho do romance publicado pela Ed. Jaguatirica, 2019)